

Lugar e criminalidade: leituras geográficas da mídia impressa soteropolitana

Resumo

As análises referentes à criminalidade nos/dos lugares, através da mídia impressa, produziram uma reflexão sobre as *representações do espaço* e os *espaços de representação* na/da metrópole de Salvador. Os dados utilizados para análise foram extraídos dos jornais A Tarde e Correio da Bahia, no ano de 2009, e envolveram os seguintes dados: tipos de violência, localidades de ocorrência dos delitos e caracterizações de vítimas. Os resultados demonstraram o reconhecimento da heterogeneidade dos lugares na/da metrópole de Salvador, mas sem produzir uma análise das contradições vivenciadas em tais espaços. As descrições dos atos violentos, das localidades e das pessoas, muitas vezes, foram copiadas de boletins de ocorrência da polícia. A heterogeneidade dos lugares quando não aprofundada e não inter-relacionada com contextos vividos nas metrópoles cristaliza as representações dos espaços e reduz, por exemplo, a problemática da violência a um mero aspecto da criminalidade. O presente artigo defende que para a análise do lugar é preciso o aprofundamento do espaço vivido articulado aos espaços concebidos e percebidos, algo já considerado importante pelos jornalistas, mas praticado por poucos, no processo de escrita das notícias dos atos violentos no Brasil.

Palavras-chave: lugar, criminalidade, mídia impressa.

Abstract

PLACE AND CRIMINALITY: GEOGRAPHICAL READINGS OF NEWSPAPERS FROM SALVADOR CITY

The analysis concerning criminality at/of the places, by printed media, have produced a reflection about the representations of space and spaces of representation in Salvador metropolis. The data used in the analysis were extracted from the newspapers A Tarde and Correio da Bahia, in the year of 2009, involving the following data: types of violence, location's occurrence of crimes and characterizations

of their victims. The results have demonstrated the recognition of heterogeneous places in Salvador metropolis, but without producing analysis of the contradictions experienced in such spaces. The description about violent acts, locations and peoples, often, were copied from reports from the Police. The heterogeneous places when not detailed and not interrelated with contexts experienced in the metropolis, solidified the representations of spaces and reduces, for example, the problem of violence to the simple aspect of criminality. The present article defends that, the study of place needs the deepening of life space articulated whit conceived and perceived spaces, something already considered important by journalists, but practiced by few, in the writing process of news about violence in Brazil.

Key-words: place, criminality, printed media.

1. Introdução

A tríade lugar, mídia impressa e criminalidade foi algo que se tornou objeto de nossa reflexão, desde 2009, através de estudos empreendidos sobre o contexto da violência nos espaços vividos, percebidos e concebidos na cidade de Salvador (BA). Os resultados sobre a discussão da problemática da violência na contemporaneidade levavam-nos a diversos caminhos, entretanto foi preciso sempre um cuidado para não produzir uma redução na análise do fenômeno. O referencial teórico principal das análises foi baseado nas discussões propostas por Henry Lefebvre (1974) sobre os *espaços de representação* e as *representação do espaço*, as quais também fazem parte do presente artigo. No processo de construção do trabalho, a partir de relatos individuais, traduzidos em entrevistas qualitativas, foi possível perceber, no tocante à temática da violência nos *espaços de representação* e nas *representações do espaço*, uma valorização dos espaços percebidos e concebidos, sendo estes geralmente produzidos por notícias de jornais, estatísticas de crimes e estudos produzidos por órgãos nacionais e internacionais¹. Como nas grandes metrópoles não há possibilidade de vivenciarmos com profundidade os lugares, os indivíduos buscam através do percebido e do concebido a construção dos lugares nas/das metrópoles. Não é possível dizer que somente o vivido leva a uma compreensão dos lugares, mas, sim, a tríade proposta por Lefebvre (1974), a saber: o vivido (simbolismos complexos da vida social, englobando também a arte), o percebido (práticas cotidianas) e o concebido (ordem imposta pelas rela-

ções de produção); a partir da tríade é possível a compreensão do local ao global no/do lugar, em suas diversas dimensões.

Como já dito, os resultados encontrados nas análises demonstraram um processo de valorização dos espaços percebidos e concebidos em detrimento do vivido nas discussões sobre a violência nas/das grandes metrópoles. Foi possível notar que, neste processo, a problemática da violência se reduz ao fenômeno da criminalidade – considera-se aqui a criminalidade um enfoque importante, mas não o único para as discussões sobre a temática da violência.

As “falas” sobre a violência são ditas e analisadas pelos indivíduos a partir de tipos de crimes² e principalmente através de generalizações dos lugares periféricos³ das grandes metrópoles como sendo estes o *locus* de materialização da criminalidade na atual sociedade. Como, então, os indivíduos constroem essas percepções e concepções já que estas, muitas vezes, não são baseadas no vivido? Sem dúvida, um dos elementos de construção das “falas” referentes à violência na contemporaneidade são as notícias produzidas pelos telejornais e jornais impressos.

No presente artigo demonstrar-se-á como o discurso da criminalidade, através da mídia impressa, pode reduzir a problemática da violência e a noção de lugar. A tentativa será uma busca por desvelar leituras dos lugares da/na metrópole de Salvador (BA) através de notícias de criminalidade nos dois jornais mais conhecidos da capital e do Estado: Correio da Bahia e Jornal A Tarde.

Para compreender as análises mais atuais sobre as *representações do espaço* na mídia impressa soteropolitana, destacamos o livro produzido por Varjão (2008) intitulado “Micropoderes, macroviolências”. O livro é instigante para a construção de leituras geográficas sobre a temática da violência nas/das grandes metrópoles, especialmente em Salvador, pois as análises compararam a qualidade das notícias sobre atos violentos envolvendo vítimas de classes sociais distintas e também demonstram a existência de uma questão de *habitus*⁴ dos jornalistas no trato e na escrita sobre a referida temática. O trabalho de Varjão (2008) traduziu as representações de violência através de duas categorias, a saber: jornalismo mínimo e jornalismo máximo. Na categoria de jornalismo máximo, os atos

violentos seriam bem mais descritos, pois teriam no mínimo 60 linhas e quatro diferentes recursos de edição visual ou informativo. Já na categoria de jornalismo mínimo, os atos violentos seriam descritos com menos de 60 linhas e menos de quatro diferentes recursos de edição visual ou informativo. Em qualquer tipo de violência cometida contra as frações da sociedade com maior poder aquisitivo, segundo as pesquisas da autora, haveria uma representação produzida por um jornalismo máximo; para os delitos cometidos contra as frações da sociedade com menor poder aquisitivo a representação seria produzida através de um jornalismo mínimo.

A pesquisa de Varjão (2008) teve como enfoque as edições especializadas dos três jornais de maior circulação de Salvador no segundo semestre de 2005: Tribuna da Bahia, A Tarde e Correio da Bahia. Inicialmente ela trabalhou com uma amostra de 78 edições e depois foi refinando sua pesquisa até analisar com afinco 24 edições.

De modo geral, procurei compreender e esboçar os significados do noticiário sobre violências a partir da leitura minuciosa e sistemática das amostras selecionadas. Isso porque a articulação entre os quadros de análise e de referência apontou para a viabilidade de identificação, a partir dos textos dos jornais, de elementos constitutivos das teias invisíveis que cercam a redação desse tipo de narrativa, e que abarcam desde estruturas formais da comunicação impressa até as rotinas produtivas do campo jornalístico (VARJÃO, 2008, p.27)

Inicialmente, o estudo de Varjão (2008) foi apenas um indicativo dos possíveis detalhamentos que se poderia fazer ao trabalharmos com a tríade lugar, mídia impressa e criminalidade. Outro livro interessante, disponível gratuitamente na internet, intitulado "Mídia e Violência", publicado em 2007 por Ramos e Paiva, permitiu uma análise dos diversos jornais do Brasil e demonstrou resultados de *workshops* entre os jornalistas. Foi possível perceber, através desse livro, como os jornalistas do Brasil começaram a entender o processo de *representação do espaço* realizado em suas matérias, principalmente quando analisavam as espacialidades periféricas. Os dois livros apresentaram uma mídia que, infelizmente, ainda está aquém de reportar com qualidade a questão da violência no Brasil, pois, há pontos ainda a serem pensados, sendo um deles a valorização do profissional que produz este tipo de notícia. Os dois livros explicitaram que a temática da violência ainda é redigida por estagiários, e, raramente, os jornalistas

possuem uma especialização na área, como aqueles que discutem política ou economia. Geralmente as notícias relacionadas a essa temática são repetições de boletins de ocorrência, tendo como elemento principal de discurso a própria polícia.

Outro ponto fundamental nos dois livros, importante para a discussão aqui proposta, envolve a cobertura jornalística das favelas e periferias. Ramos e Paiva (2007) esclarecem que foi um dos pontos de consenso entre os profissionais a responsabilidade de caracterizar os espaços com menor poder aquisitivo das metrópoles como exclusivos da criminalidade.

Pensando na importância da mídia na cotidianidade das grandes metrópoles, reitera-se, assim como Santos (2008), a importância da informação como um dos pilares do atual momento em que vivemos, denominado pelo autor como *meio-técnico-científico-informacional*. Entretanto, é preciso ir mais a fundo, pois a escrita presente na mídia nos leva aos processos de *representação do espaço*.

Em um dos seus livros, intitulado “A vida cotidiana no mundo moderno”, Lefebvre (1991)⁵ chama atenção para a importância da “coisa escrita” na sociedade moderna. As transformações sociais a partir do processo de industrialização-urbanização vão desencadeando novas concepções de mundo.

(...) Em termos mais simples, o reino da eletricidade, da luz elétrica, da sinalização elétrica, dos objetos movidos e comandados eletricamente começa por volta de 1910. Essa importante inovação não atingiu apenas a produção industrial; ela penetrou na cotidianidade, modificou as relações do dia e da noite, a percepção do contorno. Essa mudança não é única, absolutamente, e a entendemos mais como símbolo do que como essencial (LEFEBVRE, 1991, p. 122).

A partir de tais transformações, os sentidos da informação e do conhecimento também são modificados, há uma valorização da “coisa escrita”. Inicialmente há uma análise sobre a *queda dos referenciais* no seio da sociedade urbano-industrial. O autor chega a afirmar que os referenciais dessa atual sociedade são os discursos, por isso busca aprofundar-se no estudo da metalinguagem. Este “fenômeno da linguagem”, permitindo o discurso sobre o discurso, propõe um campo de representações tão complexas e infinitas que não se permite mais reconhecer, com clareza, o contexto e o

referencial. Buscando articular o pensamento de Lefebvre (1991) sobre a escrita e os resultados encontrados através das leituras sobre as notícias de atos violentos na/da metrópole de Salvador, produziu-se o seguinte questionamento: quando a mídia representa os lugares das grandes metrópoles, através da coisa escrita, não está substituindo o contexto e o referencial dos lugares? Acredita-se que sim, pois se distancia do vivido, manipulando recortes específicos dos lugares.

Ao estudar os espaços vividos, geralmente se operacionaliza, na Geografia, um conceito-chave denominado “Lugar”. Esse conceito é analisado em diversas correntes do pensamento da ciência geográfica, mas para esse artigo dialogou-se basicamente com aquele propostos por Santos (2008) e por Carlos (2007).

O lugar não é um conceito fechado em si mesmo, preso a uma escala de análise. Com o processo de globalização, como salienta Carlos (2007) e Santos (2008), a relação do lugar é profícua com o mundo. Cada lugar é, à sua maneira, o mundo (Santos, 2008, p. 314). O professor, quando discute a questão do lugar no mundo, relaciona-o com os objetos, as ações, a técnica e o tempo. Enfim, para Santos (2008):

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (p.322).

Carlos (2007) tem como elemento desencadeador sobre o lugar as reflexões de Lefebvre sobre o espaço, assim, para a autora:

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida (p.22).

É possível notar, a partir dos dois conceitos apresentados, a importância da tríade lefebvriana, pois a noção de lugar envolve a imbricação escalar do concebido, do percebido e do vivido. Para que se possa compreender como a mídia – através da temática da violência e da busca pelo enfoque da criminalidade – manipula os recortes dos lugares, faz-se necessário

demonstrar e refletir sobre os procedimentos metodológicos empreendidos durante a construção do trabalho.

2. Um breve resumo dos procedimentos metodológicos

Durante o ano de 2008 analisou-se diariamente notícias sobre as temáticas da violência e da segurança nos jornais Correio da Bahia e A Tarde. Ao mesmo tempo, foi construído um “catálogo da criminalidade”⁶ com todos os tipos de violência, levando-se em consideração o horário do ocorrido, o dia, o sexo das vítimas, a profissão, a idade e os lugares de ocorrência. Obviamente o resultado levou a uma quantidade excessiva de dados, não tendo como apresentá-los todos aqui na íntegra.

Além de fazer o “catálogo” da criminalidade descrita nos dois jornais, também se buscou analisar e comparar as capas dos jornais nos períodos de 1996, 2004 e 2008. Os períodos foram escolhidos intencionalmente, pois se acreditou que havia uma relação entre a mudança de partido político no poder e o aumento de notícias sobre a temática da violência.

Dentre esses dois procedimentos, para esse artigo, serão aprofundados os resultados sobre o possível “catálogo da criminalidade” em Salvador, pois a partir dos elementos encontrados nesse “catálogo” é que foi possível observar e analisar a operacionalização da noção de lugar pela mídia impressa.

3. O jogo das representações na mídia impressa de Salvador

O “catálogo da criminalidade” foi baseado, com profundidade, na categoria, proposta por Varjão, denominada jornalismo mínimo. Mediante as curtas notícias encontradas nos dois jornais foi possível analisar as representações da temática da violência na metrópole de Salvador. É importante também ressaltar que não foi desconsiderada a categoria do jornalismo máximo; entretanto, a maior quantidade das representações de atos violentos em Salvador foi descrita a partir da categoria do jornalismo mínimo. Ou seja: como foi dito que a categoria do jornalismo mínimo é

mais utilizada para descrever atos violentos contra aqueles com menor poder aquisitivo, pode-se afirmar, então, que os atos violentos acometem com mais frequência uma parcela da população soteropolitana.

Os jornais de certa forma representam uma realidade cruel no Brasil, em que as populações de baixo poder aquisitivo estão muito mais vulneráveis aos atos violentos do que aqueles que podem pagar por sua segurança⁷. Agora a grande questão é: como a mídia soteropolitana produz tais representações? Antes de explicitar as formas como as representações são produzidas na mídia de Salvador é importante compreender que:

O estudo das representações destina-se a entender o processo pelo qual a força do representado se esvai, suplantada por seu representante por meio da representação, e como essa representação distancia-se do vivido e se multiplica, manipulando o vivido. As representações interpretam e, ao mesmo tempo, interferem na prática social, fazem parte da vida e dela só se distinguem pela análise (LUFTI; SOCHACZEWSKI; JAHNEL, 1996, p. 89).

Logo, analisar as representações dos/nos lugares, através da mídia impressa soteropolitana, é admitir as ambiguidades do próprio processo das representações sem cair na dicotomia do que é falso ou verdadeiro. Logo, não se trata de dizer que o que se produz não é verdadeiro, mas como tais representações podem vir a manipular o vivido e interferir na representação dos lugares na/da metrópole de Salvador.

Como dito anteriormente, foram catalogadas todas as notícias referentes ao município de Salvador. O “interessante” destes dados, inicialmente, foram os tipos de violência descritos pela mídia impressa, as localidades de ocorrência dos delitos e as caracterizações das vítimas.

Dentre os diferentes tipos de violência encontrados nos jornais podemos citar notícias relacionadas a assassinatos envolvendo armas de fogo, “paus”, pedras, “balas perdidas” e até linchamentos; roubos de casas, de transeuntes, de carros, de ônibus, de estabelecimentos comerciais e de equipamentos públicos; tiroteios com ou sem feridos; agressões; trabalho escravo; sequestro relâmpago; tentativas de homicídio; arrastões; exploração infantil e estupro.

Em relação às localidades, foi possível catalogar 263 no Jornal A Tarde e 207 no Correio da Bahia. As localidades envolveram denomi-

nações consideradas “conhecidas”⁸ pelos habitantes de Salvador, como Calabar, Barra, Pituba, Nordeste de Amaralina, Paripe, Plataforma, mas também outras denominações “pouco conhecidas” como Planeta dos Macacos (considerado uma localidade dentro do bairro de São Cristóvão), Invasão Cidade de Plástico (considerada uma localidade dentro do bairro de Periperi) e Barreiro (considerado uma localidade dentro do bairro da Boca do Rio). Essas últimas denominações são reconhecidas por aqueles que moram próximos a tais localidades e muitas vezes são utilizadas como uma demonstração da heterogeneidade dos lugares, e, conseqüentemente, localizam com mais precisão os atos violentos nos/dos lugares. A ênfase na precisão da localização dos atos violentos, muitas vezes relatada por moradores próximos a tais localidades e representada nos jornais, é uma estratégia por eles utilizada visando à diminuição da estigmatização do lugar como um todo, posto que são nos “pedaços” de lugares dentro dos bairros que se encontra a problemática da criminalidade. O processo de quebra da estigmatização dos lugares, algo importante para aqueles que moram em locais considerados extremamente violentos, pode levar a uma limitação das discussões mais amplas sobre a violência na sociedade, pois existe a possibilidade de uma cristalização da violência em certas localidades na metrópole. Ou seja: o “problema” não é a própria reprodução social sob o capitalismo que retroalimenta a violência, mas as localidades específicas de uma metrópole.

O jogo das representações realizado pela mídia impressa através das descrições das localidades “conhecidas” e “não conhecidas” permite o reconhecimento da heterogeneidade dos lugares na/da metrópole de Salvador. Todavia, quando a heterogeneidade dos lugares não é aprofundada e não inter-relacionada com processos mais amplos, a discussão cristaliza os lugares como espaços únicos e exclusivos de atos violentos e reduz a problemática da violência a um mero aspecto da criminalidade.

Como os lugares muitas vezes representam as pessoas e vice-versa, há outra questão que se julgou importante ressaltar sobre as leituras superficiais dos lugares: as descrições das vítimas envolvidas em atos violentos. Essas descrições são identificadas por Varjão como repetições de boletins

de ocorrência⁹. A repetição traduz um pré-julgamento das pessoas, como pode ser analisado nas notícias a seguir:

Na noite de sexta-feira, militares mataram, também, Lucas Ungria Trindade, 16, na Rua Nova Brejal, Largo do Tanque. A polícia afirmou que o jovem era envolvido em crimes, versão refutada por familiares da vítima (A TARDE, 13.01.2008).

O usuário de drogas Daniel Dias Sales, 24 anos, foi morto a facadas anteontem à tarde, no bairro de Pau da Lima. O principal suspeito é o carioca Luís Carlos Ribeiro Santana, 47, com quem a vítima mantinha um relacionamento amoroso. Parentes do jovem acreditam que o crime teria sido motivado por uma dívida de R\$15 que ele contraiu com o acusado, supostamente para comprar entorpecente. O caso está sendo apurado na 10ª Delegacia (CORREIO DA BAHIA, 03.01.2008).

Por serem usuários de drogas as vítimas deveriam morrer? É como se o usuário já tivesse uma marca para ser assassinado. Será que um morador de algum bairro com alto poder aquisitivo, usuário de droga, teria este mesmo julgamento?

Esta “simplicidade” de fazer a notícia revela uma estratégia da representação dos assassinatos em Salvador. O jornal, ao noticiar esses atos violentos, trabalha com a ideia de vidas como mercadorias vendidas “a atacado”. Essa relação também pode ser observada principalmente no Jornal A Tarde, através do último trecho de uma notícia denominada “PMs [sic] matam cinco suspeitos”, no dia 13.01.2008, no caderno Salvador e Região Metropolitana:

(...) Além das mortes em Abrantes, no Largo do Tanque e Centro Histórico, outras sete ocorreram na madrugada de sexta-feira à tarde de ontem. Rosenildes de Brito Menezes, 40 anos, no bairro de Portão, em Lauro de Freitas; um desconhecido, encontrado com vários tiros, em Ilha Amarela; Érica Ribeiro, 21, também assassinada a tiros, no bairro do Calafate; outro homem de nome ignorado, morto no Conjunto Bahia, bairro do IAPI; Gessildo Andrade Farias, 19, assassinado em Águas Claras; e Jailton de Jesus Pereira, 25, no Cabula (D.A.).

Esse trecho é o final da reportagem, cujo título já não mais condiz com o título da notícia. Afinal, na reportagem já havia sido descrita a morte das cinco pessoas. Por que colocar todas essas mortes? Teria, talvez, sobrado um espaço na lacuna do jornal? É possível perceber também, nesse trecho, que as vítimas estão sem profissão, algo, aliás, bastante encontrado nas

referidas notícias. Foi comum aparecer apenas o nome, a idade, o sexo e a localidade onde ocorreu o fato.

Ao relatar como as notícias são formuladas através das duas categorias de Varjão (2008), do jornalismo mínimo e do jornalismo máximo, no contexto da violência, foi possível demonstrar os lugares e as pessoas visíveis e invisíveis da metrópole. Dito de outro modo, o contexto é rejeitado para a instituição dos referenciais nos/dos lugares.

Antes de finalizarmos nossas análises sobre a relação entre lugar e criminalidade na/da mídia impressa, faz-se necessário ressaltar também como a polícia soteropolitana divulga suas análises sobre a temática da violência nos/dos lugares. No dia 08.09.2008 a polícia publicou um mapa dos bairros da cidade no Jornal A Tarde, tal como reproduzido na Figura 1:

Figura 1
MAPA PRODUZIDO PELA POLÍCIA INDICANDO AS 13 ÁREAS MAIS VIOLENTAS DE SALVADOR



Fonte: Jornal A Tarde, 2008.

Ao representar cartograficamente as treze áreas mais violentas de Salvador, a polícia causou certa estranheza quando, através da legenda, colocou Alto de Coutos como pertencente ao bairro de Periperi. Já o

Nordeste de Amaralina apresentou duas localidades: Nordeste e Santa Cruz. O mapa buscou demonstrar uma hierarquia de lugares, sem muita divisão e clareza. Para um morador de Periperi ou Alto de Coutos, ou ainda do Nordeste de Amaralina, dividir, como já explicitado anteriormente, é uma estratégia importante para se relacionar com a temática, posto que, dessa maneira, o seu lugar de vivência ganha uma possibilidade de ter uma “carga menor” de representação da violência.

Outro elemento que necessita reflexão é a própria representação dos bairros através dos pontos do mapa. A simbologia de pontos para a espacialização dos lugares violentos na/da metrópole promove uma homogeneização dos fenômenos e processos ali existentes. Afinal, não se tem ideia nem mesmo do tamanho desses lugares e nem das possíveis localidades dentro de um mesmo bairro.

Para quebrar as diversas representações de violência – reduzida à criminalidade – faz-se necessário vivenciar os espaços e ir além do concebido e do percebido. Os jornais e a polícia trabalham muito mais na esfera do concebido e do percebido do que do vivido. Então, admitir contextos diferentes dentro de um mesmo bairro é uma das possibilidades de diminuição na frequência de uso dessas representações hegemônicas. Mas, admitindo também a dialética dos processos, não seria uma questão apenas de trocar a localização de tais representações, isto é, transplantá-las de uma localidade para outra dentro dos bairros? A melhor resposta para esta questão seria talvez admitir o conceito de lugar, não fechado em si mesmo, no processo de análise da violência, como uma possibilidade de enfrentamento das representações hegemônicas.

4. Conclusão

Toda notícia, infelizmente, é um enquadramento de uma situação e, assim, pode-se produzir uma leitura parcial e fragilizada dos lugares. Entretanto, cabe aos jornalistas, pesquisadores, técnicos, no processo de *representação dos espaços* das/nas cidades, buscarem alternativas de vivenciá-los.

Um dos possíveis caminhos de novas leituras dos lugares pode ocorrer através do contato, dialogando sempre com aqueles que ali habitam. Os resultados demonstraram uma possível compreensão dos jornalistas das particularidades dos lugares, pois ao assumirem algumas denominações de localidades dentro dos bairros, mesmo com possíveis erros e/ou estigmatizações, estão buscando elaborações diferentes. Porém, mesmo citando tais localidades, as análises estão ainda no campo do percebido, dentro do qual o disforme e o homogêneo são muito presentes. Analisa-se a utilização das denominações dos lugares como uma possibilidade de maior proximidade com o vivido, visto que os jornalistas não estão utilizando apenas as nomenclaturas concebidas dos lugares.

O processo de reconhecimento da heterogeneidade dos lugares, como já explicitado, é algo importante para aqueles que moram nos lugares considerados violentos; mas, ao mesmo tempo, tal processo pode apenas trocar a representação de lugar, não permitindo, assim, profundas análises sobre a problemática da violência. Não é demais ressaltar que o fenômeno e o processo da violência têm sido diluídos de muitos de seus significados, isto é, reduzidos ao campo da criminalidade. É sabido que os estilos de vida, nesta atual sociedade, valorizam muito mais as formas concebidas e percebidas dos lugares do que o contexto do vivido, produzindo muitas vezes representações geográficas superficiais e facilmente manipuláveis. Como a violência é uma situação de choque, ela potencializa as concepções percebidas e concebidas dos lugares, impedindo muitas vezes sua compreensão mais profunda.

O presente artigo insiste em possíveis análises que envolvam o conceito de lugar para o estudo da temática da violência na contemporaneidade, pois este permite compreender as heterogeneidades e homogeneidades das imbricações escalares, permitindo também uma representação dos conflitos e dos usos nos espaços nas/das metrópoles.

Notas

¹ Exemplos considerados referências na temática da violência foram desenvolvidos por Waiselfiz desde 1998 e intitulados "Mapa da Violência".

² Como se a problemática se resumisse a roubos, a furtos e a assassinatos.

³ O sentido de periférico é baseado nos estudos de Serpa (2001) e “significa aquelas áreas com infraestrutura e equipamentos de serviços deficientes, sendo essencialmente o lócus da reprodução sócio-espacial da população de baixa renda” (p. 36).

⁴ O habitus é, com efeito, princípio gerador de práticas dos outros ou suas próprias práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, sistema de classificação (princípium divisionis) de tais práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é o que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida (BOURDIEU, 2007, p.162).

⁵ O título original *La vie quotidienne dans le monde moderne* foi publicado em 1968.

⁶ O catálogo foi representado na pesquisa através de quadros construídos no programa Excel.

⁷ Apenas para ilustrar tal situação, segundo dados da Associação Brasileira de Blindagem, um carro blindado no Brasil custa em média quarenta e oito mil e setecentos e cinquenta reais (ver maiores informações em: <http://www.abrablin.com.br/web/Principal/Materia.aspx?MaterialId=102>).

⁸ O conhecer não significa vivenciar os lugares, apenas muitos sabem da existência de tais localidades através de notícias, mapas da cidade ou mesmo por morarem nas suas proximidades. É comum escutarmos a expressão: “Ah! Sei onde é!”, “Conheço!”, sem, entretanto, nunca terem, aqueles(as) que a dizem, vivenciado tais localidades.

⁹ Esta temática também foi abordada em Ramos e Paiva (2007) cujo título de um dos capítulos era: “Dependentes de BO: o desafio de ir além das fontes policiais”.

Referências

BÔAS, R. V. PMs matam cinco suspeitos. **A Tarde**, Salvador, 13 jan. 2008. Caderno Salvador e região Metropolitana, p.5.

BOURDIEU, P. **A Distinção**: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2007.

FONSÊCA, A. Mapa da violência indica as 13 áreas mais violentas de Salvador. **A Tarde**, Salvador, 08 set. 2008. Caderno Salvador e região Metropolitana, p.4.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007. 85p.

CORREIO DA BAHIA. **Usuário de drogas morto a facadas em Pau da Lima**. Salvador, 03. jan.2008. Caderno segurança, p.06.

LEFEBVRE, H. **La Production de l'Espace**. Paris: Anthropos, 1974.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LUFTI, E. P.; SOCHACZEWSKI, S.; JAHNEL, T. C. As representações e o possível. In: MARTNS, J. de S. (org.). **Henry Lefebvre e o retorno da dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 87-97.

RAMOS, S; PAIVA, A. **Mídia e violência**: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007. Disponível em: <http://www.observatoriodeseguranca.org/files/livro-midia%20e%20violencia.pdf>. Acesso em 12.12.2007.

SANTOS, M. **A natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SERPA, A. (Org.). **Fala Periferia!** Uma reflexão sobre a produção do espaço periférico metropolitano. Salvador: EDUFBA, 2001.

VARJÃO, S. **Micropoderes, macroviolências**: mídia impressa/aparato policial. Salvador: EDUFBA, 2008.

Recebido em: 24/11/2010

Aceito em: 31/01/2011

